

Conversando com El Libertario



* Resumo e síntese de duas entrevistas realizadas em 2009, a direção coletiva da publicação anarquista venezuelana.

Quem são vocês?

El Libertario é um jornal publicado desde 1995 (56 números até junho de 2009), que visa informar sobre a teoria e prática anarquista na América Latina e no mundo, assim como apoiar o que de libertário se tenha nos movimentos sociais em nosso âmbito. Não recebemos – nem queremos receber – nenhum tipo de subvenções do Estado ou outra instância de poder hierárquico. Nossa atividade é 100% autogestionada. Esta publicação se inspira no ideal antiautoritário do anarquismo e é promovido pelo Coletivo Editor do El Libertario, grupo de afinidade aberto à participação e colaboração de pessoas com atitudes e postulados libertários, num ambiente de respeito mútuo e sem nenhum dogmatismo. O critério central de afinidade é compartilhar o ideal anarquista, pela construção de uma sociedade baseada na democracia direta, justiça social, autogestão, apoio mútuo e o contrato livre sem a imposição autoritária da lei nem da força, entre outros valores. Além de ser um grupo de propaganda, tentamos animar a existência de um movimento libertário em nosso país, mas para isto pressupomos que deva existir uma série de movimentos sociais de base, autônomos e beligerantes, como condição necessária para a expansão das idéias e práticas libertárias em nosso meio. Por esta razão nos vinculamos com diferentes organizações sociais de base, as acompanhando em suas lutas contra o poder hierárquico e pelos direitos humanos. Mesmo assim, alguns de nós, fazemos o trabalho de investigação e reflexão teórica. Também impulsionamos atividades de promoção de uma cultura autogestionária como: mostras audiovisuais, debates, ou a Primeira Feira de Livros e Vídeos Libertário, pautadas para Novembro de 2009 em Caracas. Por último, na medida de nossas afinidades e possibilidades, participamos em campanhas como a realizada no ano passado pelos 20 anos do massacre de El Amparo. Mais detalhes sobre nós, como atuamos e o que pensamos estão disponíveis em nosso sítio de internet www.nodo50.org/ellibertario e nas edições impressas do jornal.



Qual é a posição do El Libertario frente à denominada revolução bolivariana?

Entendemos que o que tem acontecido na Venezuela desde 1999 tem sido uma infeliz mistura de caudilhismo descarado e capitalismo de Estado, com base na abundância da renda petroleira. Nossa análise aponta a que o chamado governo bolivariano é uma continuação, e não uma ruptura, da crise da democracia representativa na Venezuela e seu modelo econômico baseado na exploração energética. Houve uma ‘revolução’ já que nosso modo de vida foi desarticulado em muitos sentidos, mas o que vemos em construção anuncia claramente resultados negativos para @s explorad@s e oprimid@s e, portanto, permitir sua consolidação é tornar as coisas mais difíceis de mudar. As transformações que @s anarquistas pretendem caminham sob rumos muito diferentes do que se tomou este ‘processo’, que com mais de 10 anos ao leme se mostra repleto de autoritarismo, em aliança vergonhosa com o capital transnacional (via associação nas empresas mistas que controlam as reservas petroleiras do país), burocraticamente ineficaz, estruturalmente infectado de corrupção, com orientações, personagens e atitudes que não podemos avalizar.

Temos investigado, documentado e denunciado o referido papel assinado à Venezuela na globalização econômica, que não é nada mais do que fornecer, de maneira segura, barata e confiável, recursos energéticos ao mercado mundial. Como nenhum outro no passado, este governo de retórica nacionalista e esquerdizante tem sido muito eficaz em instruir a sociedade a aceitar seu papel de submetimento ao negócio petroleiro global, e agradecer servilmente as migalhas recebidas enquanto se mantém como uma das distribuições de riquezas mais injustas do continente. É assim que as preocupações ambientais sobre os efeitos da exploração de hidrocarbonetos e minerais se converteram hoje em tabu e politicamente incorretos. O regime bolivariano desenvolveu um impressionante aparato de propaganda para vender as supostas bondades de suas políticas sociais, mas os dados e a própria realidade demonstram que se houvessem melhoras em algumas dimensões concretas e programas do governo pontuais – pretexto da ação estatal para atribuir sua pretensa legitimidade em qualquer parte do mundo – a situação do coletivo não melhorou significativamente, apesar de haver contado neste último decênio com as rendas fiscais e petroleiras mais altas da história do país para um lapso similar, que serviram para elevar a “boliburguesia” ou burguesia bolivariana que cresceu à custa do poder oficial. Muito de tudo isso nós demonstramos em nossa publicação, procurando citar fontes e dados do próprio governo, e como exemplo do agravamento da crise dos de baixo recordamos que a Venezuela possui um dos maiores índices de homicídio do continente, podendo contar com 14.000 mortes por dita causa no ano de 2008. Isto já nos dá uma idéia sobre a extensão de um clima de violência que está refletindo na desintegração desta sociedade, tendência esta que se reverteria, ou ao menos se conteria, se experimentássemos algum tipo de mudança que estivesse beneficiando realmente a população.



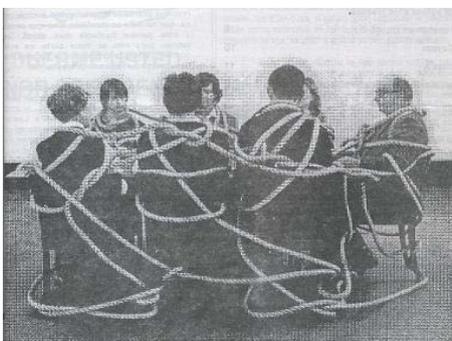
O chavismo chama a unidade progressista para enfrentar o golpismo oligárquico e o imperialismo. Que tal se com este propósito se estabelecesse uma aliança estratégica e mais adiante, derrotados esses adversários, tratar de fazer a revolução anarquista?

As alianças estratégicas são um modo de ação política para ganhar o controle do Estado por quem os integre, enquanto que @s anarquistas buscam dissolver o Estado com a participação de tod@s. A

derrota do que se chama reação e oligarquia (motes com claros objetivos propagandísticos) somente serviria para consolidar no poder os vencedores, aqueles que necessariamente formariam uma nova oligarquia porque assim impõe a lógica do poder estatal, como aconteceu na URSS, China ou Cuba. Isto tornaria mais difícil a revolução anarquista e a Espanha de 1936 foi um exemplo. Também é inexato identificar o projeto chavista como que em oposição ao golpismo, quando seu desejo original era de dar um golpe militar, e constantemente se orgulha de sua identificação com as linguagens e práticas de quartel. Em relação à sua luta com o imperialismo, se prestarmos atenção nas políticas propostas e implementadas no petróleo, na mineração, na agricultura, na indústria, no trabalho, etc., parecem querer ser escudos do império, não seus inimigos (Para detalhes precisos sobre as relações estratégicas com o capital transnacional e os interesses imperialistas, ver diversos artigos publicados no El Libertario).

O governo venezuelano declara haver propiciado uma explosão do poder popular, com a massiva implantação e transferência de competência aos Conselhos Comunais, organizações comunitárias e horizontais de participação popular. @s anarquistas apóiam estas estruturas de base?

O que acontece com a instauração e o funcionamento dos Conselhos Comunais evidencia que sua existência e capacidade de ação dependem de sua lealdade ao aparato governamental, ao qual se assegura deixando nas mãos do Presidente a faculdade jurídica de dar aprovação ou não a ditas organizações, entre outros mecanismos que garantem o controle oficial e se expressam na legislação correspondente. Disto há experiência na Venezuela, onde tantas agrupações de base (como os sindicatos, sem ir muito longe) sempre se assemelham a bondes, que recebem correntes elétricas de cima. Certamente, há tentativas de uma real agrupação de baixo para cima, e isto acontece em áreas residenciais, trabalhadoras, camponesas, indígenas, ecologistas, estudantis, culturais, etc., embora estas não contem com a simpatia do oficialismo. Temos a impressão de que a submissão legal, funcional e financeira dos Conselhos Comunais ante o poder estatal é um severo obstáculo para iniciar desde aqui um movimento de base autônomo. O mesmo pode ser visto em relação aos Conselhos de Trabalhadores para as empresas, que são modos de anular um possível sindicalismo independente.



Porque @s anarquistas criticam a Força Armada Venezuelana – que proclama sua raiz popular e nacionalista – e a sua capacidade de sustentar um projeto revolucionário?

Em todo exército moderno o grosso das tropas são recrutadas dos setores populares. Mas apesar da origem social da maioria de seus integrantes, a razão de ser do exército é a defesa de uma estrutura de poder e seus detentores, portanto nunca pode sustentar uma revolução em favor dos oprimidos. No máximo, mudar um personagem por outro e mudar algumas regras da estrutura de poder, mas não a eliminar porque o mando e a obediência é sua essência. Por isso não respaldamos em nenhum exército, nem polícia, nem privilegiados que em seu proveito próprio podem usar das armas e da força contra as outras pessoas. O nacionalismo não é uma postura que o anarquismo aprova, porque implica em se circunscrever aos interesses de certas pessoas, fechadas artificialmente por um Estado em certo território-nação, que se consideram diferentes e até superiores aos demais. Somos inimigos de todo tipo de privilégio por nascimento, raça, cultura, religião ou lugar de origem. Agregamos também que, na experiência de quem vive o dia a dia na Venezuela, pode-se evidenciar com constantes exemplos que o

amplo e privilegiado lugar que hoje têm os militares no funcionamento da burocracia oficial, só tem aumentado a corrupção, a ineficácia e a ignorância que geralmente tem sido a norma no aparato estatal venezuelano.



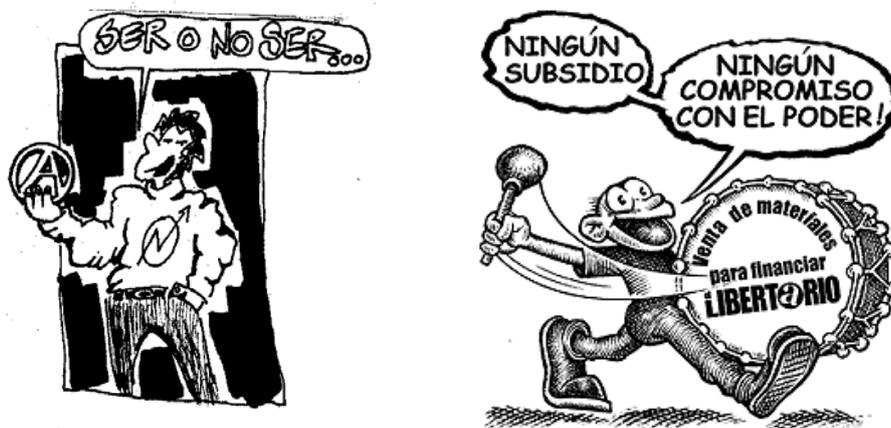
O movimento contrário ao oficialismo é tão homogêneo como pretende os defensores desse último? Há tendências distintas que atualmente lutam contra o governo? Que relação existiria entre essas tendências?

Certamente é falsa e interesseira a imagem que apresenta a propaganda chavista de uma oposição qualificada em bloco como de “direita terrorista, laçai do imperialismo e controlada pela CIA”, pois embora possa existir algum setor que esteja próximo dessa imagem, o quadro é muito mais heterogêneo. A oposição é herdeira do modelo político dominante anterior a 1999, com os velhos e debilitados partidos AD (social-democrata, próximo ao PSOE espanhol) e o COPEI (cristão-democrata, afim ao PP), somados a outras formações cuja atribuição ideológica é bastante similar, se contando entre elas ex-partidários do atual governo (como os partidos MAS e PODEMOS), cuja ruptura com o chavismo teve mais a ver com as apetências burocráticas e de poder insatisfeitas do que com os conflitos político-ideológicos significativos. Essa oposição social-democrata e de direita pretende – à imagem do que faz o chavismo por seu lado – se apresentar como única opção possível assim como reduzir os problemas do país ao âmbito político-eleitoral, já que seu interesse exclusivo é de se apoderar do governo para manejar a seu capricho a renda petroleira. Sua estratégia propagandística tem sido bastante eficaz em atrair iniciativas cidadãos de base atrás de sua liderança, ao se vender como um “mal menor” frente à ameaça autoritária no governo.

Além disso, existe um setor da população identificado com o “nem-nem”, por não concordar nem com o governo nem com a oposição. Este grupo representa a minoria mais numerosa do país nas pesquisas eleitorais, de modo que todas as estratégias de captação de voto se dirigem a seduzir os “nem-nem” com algumas das ofertas em conflito. Com sua existência se evidencia que, apesar do que prega o confronto inter-burguês, o país não se encontra dividido mecanicamente entre chavistas e anti-chavistas. O El Libertario nunca se auto-identificou como uma iniciativa “anti-chavista”, pois desde 2002 que denunciámos a construção de uma falsa polarização, a fim de hipotecar a autonomia dos movimentos de base e eleitoralizar suas dinâmicas de mobilização. El Libertario forma parte de uma constelação, agora dispersa e com pouca coordenação, de grupos e organizações de esquerda anticapitalista que denunciam com igual ênfase o governo do presidente Chavez assim como os seus oponentes na oposição midiática. Porém como cabe supor, estas expressões são omitidas pelas forças que têm o interesse de deixar perceber a existência de somente dois bandos em conflito. Os sinais de existência dessas outras alternativas que da luta com os de baixo tentam romper com o eleitoralismo, está se fazendo notar nos últimos dois ou três anos, quando pouco a pouco a manifestação dos conflitos sociais faz vislumbrar aos trabalhadores, indígenas, camponeses, estudantes, vítimas da violência institucional e criminal, pessoas sem lugar para morar, etc., que da luta pelo poder estatal não sairá a via de solução de seus problemas, como não aconteceu nesta década de suposta revolução, nem antes em 40 anos de enganosa democracia representativa.

Por acaso @s anarquistas venezuelan@s são “esquálidos” (apelido no qual o chavismo faz alusão aos seus oponentes) e, portanto, apóiam a oposição socialdemocrata e de direita?

Esquálido é uma qualificação meramente midiática, depreciativa em seu uso político oficial e com ar de ordem, que nada diz sobre quem assim se qualificam. Mas, se em todo caso com ela se quer assinalar aquelas pessoas que não admitem ceder sua liberdade e autonomia para se submeterem à imposição autoritária de uma pessoa, de um partido, de uma ideologia, então o somos. E se isso significa que erguemos correntes identificadas com o liberalismo econômico, com o desprezo quase-racista das elites às maiorias, com a estafa da democracia representativa e o retorno a formas de organização sócio-políticas superadas pela história, então não somos. Repudiamos o regime de Chávez e seus adversários eleitorais; podemos coincidir com algumas das ações de uns e outros, com algumas declarações de uns e outros, mas fundamentalmente criticamos a maioria dos feitos e discursos de uns e outros. Rechaçamos a frustração repetida das esperanças das pessoas que apoiaram a Chávez, mas recusamos a convalidar as manobras politiqueiras do grupo de oportunistas que servem de oposição institucional. E sobre tudo, não podemos, por razões de princípio, respaldar naqueles que fundamentam a busca de uma vida melhor através da subordinação das pessoas sob uma hierarquia estatal, como pretendem ambos os lados.



Que atividades e reivindicações estão promovendo @s libertári@s venezuelan@s?

O movimento anarquista local, atual, tem vida curta, que quase se confunde com o tempo de publicação do El Libertário, de modo que nos tocou durante esses anos a lidar com os autoritarismos do governo e dos partidos opositores, pois ambos são igualmente alheios à nossa proposta. Temos enfrentado enormes obstáculos tanto para nos assentar como uma opção reconhecível como para inserirmos nas lutas sociais concretas; mas nossa tenacidade rendeu seus frutos e a prova disto poderá ser obtida revisando as páginas das diferentes edições do El Libertário (muitas estão disponíveis no nosso website), particularmente as recentes, que tratam sobre como se vem abrindo espaços para prometedoras conexões entre o ativismo anarquista e as mais dinâmicas expressões de mobilização social que existe hoje na Venezuela, pois buscamos nos relacionar com os conflitos mais sentidos e as reivindicações do coletivo, promovendo a autonomia dos movimentos sociais e acompanhando seu desenvolvimento. Para isto estamos construindo afinidades e coordenações diversas com movimentos e iniciativas de base e grupos anticapitalistas, entre os quais mencionaremos o Comitê de Vítimas contra a Impunidade de Lara, a Casa da Mulher “Juana la Avanzadora”, o grupo de estudos “Povo e Consciência” de Maracay, a União Socialista de Esquerda e a tendência sindical CCURA, o grupo Terceiro Caminho do ex-guerrilheiro Douglas Bravo, diversos sindicatos do setor público de saúde, organizações de direitos humanos, iniciativas juvenis e coletivos ecologistas.



Quais são as correntes que se manifestam no movimento libertário venezuelano?

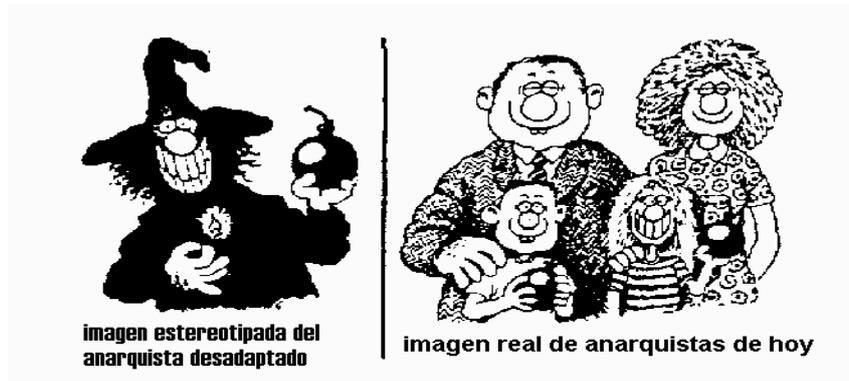
A cena anarquista venezuelana é ainda muito pequena e de existência bastante recente para que a gente possa falar de correntes no mesmo sentido em que esta expressão é entendida na Europa. Sem dúvida @s ativistas tem diversas afinidades de ações e de pensamento, mas isto não faz com que se diferenciem de uma maneira em que se separem um d@s outr@s. Além disso, o feito mesmo de realizar atividades libertárias onde há pouco tempo atrás não existia, e nas circunstâncias que antes assomamos, na verdade tem sido um estímulo para que @s pouc@s anarquistas se mantenham unid@s.

Quis se apresentar – especialmente para o exterior – uma divisão entre os anarquistas locais na qual havia, de um lado, “anarco-chavistas” ou “anarquistas-bolivarianos”, que acham que o processo revolucionário em curso permite avanços para a causa libertária, enquanto de outro, nós, seríamos os “anarco-liberais” ou “anarco-dogmáticos”, porque não reconhecemos estes avanços, de modo que, pelo fato de nos opormos ao governo progressista, nos julgam a favor do império e da reação direitista, fazendo uma simplificação grotesca do que viemos dizendo no El Libertario. Obviamente, semelhante impostura sobre a Venezuela e a situação d@s anarquistas locais somente podem se sustentar na ignorância, na cegueira, na má fé e na provocação. Há pessoas que em algum momento se consideram a si mesmas anarquistas, mas agora proclamam a suposta excepcionalidade histórica do caso venezuelano, repudiando ou adulterando a essência liberaria, anti-autoritária e autogestionária do ideal ácrata, de modo que mesmo quando seguem se auto-identificando como anarquistas, é evidente que deixaram de sê-lo. Por outro lado, coincidentemente, a maioria dessas pessoas são funcionárias do atual Estado, ou recebem algum tipo de subsídio econômico governamental para as suas atividades, o que já deixa bastante a desejar sobre a intensidade de sua filiação libertária. Para nós, que revimos o ocorrido em situações parecidas no continente, isto se repete com algumas excentricidades o que aconteceu na Cuba de Castro ou na Argentina de Perón, onde houve tentativas do poder para cooptar e dividir o movimento anarquista.

Em todo caso, como qualquer anarquista em qualquer parte do mundo pode refletir um pouco, sendo coerente com o ideal que defendemos e com um mínimo de informação sobre o caso venezuelano, se dará conta da incongruência absoluta de se declarar anarco-chavista ou anarco-bolivariano, pois é uma contradição tão óbvia como se proclamar “anarco-estatista”. Adicionalmente, convidamos as pessoas para conhecerem não somente as opiniões do El Libertario, mas sim de todas as iniciativas anticapitalistas que vem denunciado o chavismo por sua pretensão autoritária e por beneficiar os setores mais agressivos da atual economia global. Portanto, o melhor seria, se estiver visitando a Venezuela, ver a realidade escondida atrás do espetáculo pseudo-revolucionário bolivariano.

Atribuir a estes defensores do regime chavista tais características, não é por acaso uma acusação contrária ao espírito anti-dogmático do anarquismo?

O anarquismo não é um estado anímico, é um modo de enfrentar as circunstâncias sociais em transformação buscando o bem-estar de cada um no seio do bem estar de todos, com propostas que surgem de pessoas concretas e são discutidas, adotadas ou rechaçadas pelos demais em determinadas circunstâncias espaços-temporais. Qualquer um pode se autodenominar anarquista, mas somente a mútua interação é que nos situa, e são @s demais anarquistas quem irão determinar como pertencendo ou não ao movimento, segundo nossas condutas e nossas idéias. Como não somos perfeitos, podemos adotar condutas ou defender idéias que o coletivo não aprova. Isso não faz de ninguém ser mais ou ser menos, nos faz diferente, embora às vezes essa diferença seja tal que se torna insuportável para os demais e estes deixam de reconhecer como seus.



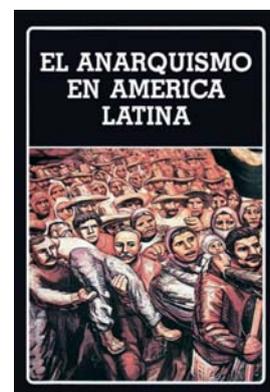
Vocês têm relações com outr@s anarquistas da América Latina e do mundo?

Sempre nos preocupamos em estabelecer o mais amplo contato com @s anarquistas do exterior, em particular com nossos afins do âmbito ibero-americano. Em primeiro lugar porque como nossa experiência é mais recente, queremos nos nutrir do que foi e é a trajetória da anarquia em outros cenários, mas também porque aspiramos compartilhar nossas andanças, nossas realizações, nossas dúvidas, nossas certezas, nossos sucessos e tropeços, pois quem melhor que os companheiros para isso!...em termos mais concretos, essa relação tem se expressado na difusão que tem havido nossa publicação impressa, que nos orgulha (e nos incentiva!) dizer que tem sido o periódico anarquista latino-americano mais amplamente distribuído do continente em tempos recentes, pois seus 2000-2500 exemplares por edição não somente chega a diversos lugares da Venezuela, mas também regularmente é enviado a uma dúzia de países. Outro dado significativo é que nossa web já supera as 160.000 visitas registradas, com uma média diária de 50 a 80 consultas. Além do mais, mencionamos a afinidade de vínculos pessoais diretos com pessoas libertárias de todo o planeta. Tudo isso se traduz em um fluxo contínuo de relação e intercâmbio com o movimento anarquista internacional, que é para nós uma fonte constante de desafios e satisfações.

**Foro
Social
Alternativo
Caracas
Enero 2006**



**1ra. muestra de documentales
independientes y videoactivismo**



Quais são as atitudes do governo frente às agrupações e individualidades anarquistas que não conseguem controlar?

Embora não exista ainda uma repressão específica contra o anarquismo, o Estado venezuelano vem avançando em uma política de controle e sujeição a qualquer manifestação de dissidência radical que questione e combata as bases do atual sistema de dominação política e econômica. Isto de nenhum modo é diferente do que é feito em outros Estados no resto do mundo, mesmo quando aqui se queira mascarar sob uma fraseologia de revolução, socialismo e poder popular. Portanto, na medida em que nós anarquistas participamos nas lutas sociais e promovemos seu desenvolvimento autônomo frente ao poder autoritário, nos vemos submetidos à mesma onda repressiva que paira atualmente sobre as expressões do movimento popular que negam aceitar que na vontade do Comandante Chávez esteja a salvação coletiva. .

Neste sentido queremos dar um maior enfoque à criminalização e repressão contra o protesto social realizada pelo governo atual. Durante os anos de 2002 e de 2004, com a desculpa do golpe de Estado, foram realizadas modificações em diversas leis, como o Código Penal e a Lei Orgânica de Segurança Nacional, que penalizava o fechamento de ruas e a realização de greves nas chamadas empresas básicas. O que se vendeu como “repressão para os golpistas” agora está afetando às comunidades que se mobilizam por seus direitos. Segundo cifras levantadas pelos sindicatos, o movimento camponês afeto ao governo e às organizações de direitos humanos, há aproximadamente 1200 pessoas submetidas a regimes de apresentação nos tribunais por ter realizado protestos.

Por outro lado, o governo não precisa realizar, em primeira instância, a repressão direta contra as manifestações, pois emprega organizações paraestatais, intituladas como “poder popular”, que fazem uma pressão psicológica e física sobre o descontentamento com o pretexto de “neutralizar a sabotagem à revolução”, o que sem dúvidas faz lembrar estratégias similares ocorridas em outros países. Se as manifestações perseverar ou alcançar notoriedade, o Estado apela para a polícia e os militares, com os resultados conhecidos em qualquer parte do mundo: repressão violenta com saldo trágico de mortes e lesões. É assim que fazem, como aconteceu no passado 20 de Março de 2009 onde assassinaram um sem-teto, José Gregorio Hernández, em uma desocupação em Anzoátegui, e em 30 de Abril de 2009 assassinaram um estudante, Yusban Ortega, em Mérida, só para citar casos recentes. É neste contexto que o governo qualifica de “contra-revolucionária, promovida pela CIA e o imperialismo” a qualquer expressão de descontentamento, uma estratégia que se foi bem efetiva no passado, mas agora perdeu parte de sua efetividade e os cidadãos, vencendo o medo, vêm se animando para protestar por melhores condições de vida.

El Libertario publicou recentemente vários artigos denunciando a repressão sindical por parte do governo. Pode nos falar deste assunto?

Casos como o dos trabalhadores da Mitsubishi assassinados no final de janeiro de 2009 pela polícia “socialista e bolivariana” do governador chavista em Anzoátegui, ou o caso dos três sindicalistas mortos em Aragua em 27 de Novembro de 2008 sob circunstâncias extremamente suspeitas, são apresentados pela propaganda governamental – igualmente a outros exemplos de repressão – como uma exceção alheia à política do Estado, ou como consequência de provocações e/ou infiltrações que procuram turvar a imagem oficial. Mas já denunciemos detalhadamente no El Libertario que essa é a aplicação de uma orientação em que se comprometeu o atual Estado venezuelano – fiel às suas origens de golpismo militarista e à orientação ideológica que buscou inspiração na ditadura de Castro em Cuba - que, sob a máscara do socialismo do século XXI, quer impor, tanto pela via do garrote como pela via da cenoura, um modelo de controle autoritário sobre a sociedade que é realizado em acordo e com a bênção de seus sócios do capital transnacional. Hoje, com a crise econômica do capitalismo global, os recursos para controlar com a cenoura se tornam cada vez mais escassos na Venezuela também, apesar da riqueza petroleira, por meio do qual com toda diligência esta caindo sobre as costas dos oprimidos “o pau do povo” que Bakunin previu como recurso inevitável dos autoritários que se proclamam de esquerda.

Com relação ao respondido na pergunta anterior, recordamos a situação dos “14 de Sidor”, grupo de trabalhadores que junto com o regime de apresentação está sendo julgado por “apropriação indevida qualificada e restrição à liberdade de trabalho” por protestar por suas condições laborais, o que podia significar para eles uma pena de 5 a 10 anos de prisão (mais informações em http://www.nodo50.org/ellibertario/descargas/solidaridad_camila.doc). Neste ponto, devemos denunciar que de cima estão tentando construir, artificialmente, centrais sindicais controladas pelo partido do governo, o PSUV. Esta manobra aprofundou a crise histórica no setor e reforçou a presença dos “sindicaleiros”, que vivem à custa de vender os direitos dos trabalhadores frente aos patrões.

Além disso, temos as disputas entre sindicatos pela distribuição de postos de trabalho, uma particular “conquista” das contratações coletivas nos setores petrolíferos e de construção, onde os sindicatos controlam uma alta porcentagem da atribuição de empregos. Se bem que esta situação é anterior ao governo Chávez, a degradação atual do sindicalismo, incentivada pelo poder estatal, o levou a esferas dramáticas, e é dessa forma que, como no ano de 2007, um total de 48 pessoas, em sua maioria sindicalistas, foram assassinadas por conflitos relacionados com a obtenção de empregos, sendo 29 mortes a cifra de 2008. Por outro lado, são bastante conhecidas as declarações presidenciais atacando a autonomia das organizações sindicais, assim como as pressões aos empregados públicos para aderirem ao PSUV e participarem “voluntariamente” em manifestações a favor do governo.

É incrível que a demissão de pessoas por não serem afeitas à visão política oficial encontre justificativa nas pessoas que se consideram a si mesmas “revolucionárias”. Recordar-se a publicação do censo de eleitores de oposição, a chamada “Lista de Tascón” (em homenagem ao deputado que a fez pública), com que se discriminou, como política sistemática, a quem ali se identificava como adversos ao governo. A propaganda oficial vocífera que a Venezuela tem o salário mínimo mais alto do continente, mas se cala quando os dados mostram que 18% dos trabalhadores ganham menos que isso, e 50% recebem entre 1 e menos de 2 salários mínimos, no país com a inflação mais alta do continente na década em curso. No entanto, hoje vemos com esperança como, progressivamente, mais trabalhadores e trabalhadoras, de diferentes setores, perderam o medo ao serem criminalizados e estão saindo às ruas para ganhar seus direitos mediante a luta.



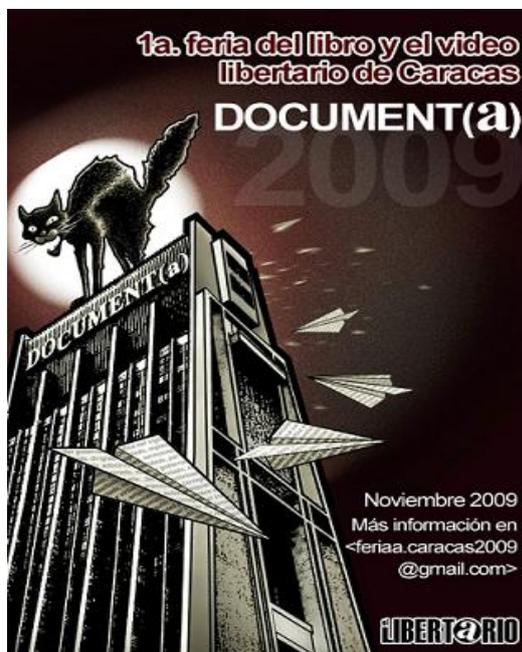
Certas críticas apontam que o anarquismo somente fica pregando sem oferecer nada construtivo. Qual é a proposta do El Libertario para transformar positivamente a atual realidade venezuelana?

Nossa luta não é nem conjuntural nem de circunstâncias, mas sim por uma nova modalidade que adotamos para a vida coletiva e individual, onde a ação direta e a autogestão faz que nossa existência esteja em nossas próprias mãos, sincera e honestamente, nos educando no estudo e na relação com @s outr@s, sabendo que nossa liberdade se estende com a liberdade do outr@, respeitando a igualdade já que as diferenças não criam superioridade, tendo sempre em mente que nossa vida só é possível graças aos outr@s, cujos interesses devemos atender prioritariamente para assim poder alcançar os próprios, aos que não devemos renunciar porque aspiramos desfrutar de uma existência plena. Cada um@ vive

sua vida e é responsável por ela perante a si mesmo e perante os outros, mas ninguém pode assumir nossa “salvação”. Portanto, não temos uma receita “pronta”, pois as propostas e ações revolucionárias devem ser resultado de um esforço coletivo consciente e contínuo, para o qual procuramos aportar nossa participação entusiasta, promovendo e potencializando a recuperação da autonomia por parte dos movimentos sociais do país, onde será possível o espaço de tensão necessário para o desenvolvimento e a influência das idéias anarquistas de liberdade e igualdade em solidariedade.

Algo mais a acrescentar?

Para nos contatar por e-mail, nossos endereços são ellibertario@nodo50.org e ellibertario@hotmail.com. Além do mais, repetimos o convite para visitar nosso sítio de internet www.nodo50.org/ellibertario. Gostaríamos de agradecer esta oportunidade de difundir nossa voz, pois estamos comprometidos com a ação social autônoma d@s oprimid@s e explorad@s na Venezuela, assim como difundir as lutas sem condicioná-las aos interesses do poder do Estado e do Capital. Tod@s aqueles que leram esta entrevista e que desejam colaborar com a realização da Primeira Feira do Livro e Vídeo Libertário que vai ser realizada em Caracas, entrem em contato, é só escrever para feriaa.caracas2009@gmail.com. Saúde e Anarquia para tod@s!...



[Tradução: Marcelo Yokoi]